

Inquérito

Publicação: [O Mundo em Português Nº61](#)

Data de Publicação: Fevereiro/Março de 2006

Ainda no quadro das comemorações dos 25 anos do IEEI, O Mundo em Português perguntou aos seus colaboradores regulares[1] quais as cinco personalidades e os cinco acontecimentos mais marcantes deste período, bem como o que será determinante para o futuro internacional de Portugal nas próximas décadas.

Os últimos 25 anos são um período extremamente rico, tanto em termos das profundas alterações do sistema internacional como da própria evolução da política externa portuguesa e da inserção de Portugal no mundo. Da queda de Muro de Berlim e do fim da Guerra Fria ao alastramento da democracia por toda a Europa, da adesão de Portugal à União Europeia ao processo de ratificação da constituição Europeia, do multilateralismo dos anos 90 à crise iraquiana e ao debate sobre o unilateralismo, do 11 de Setembro à emergência do terrorismo internacional, da democratização do Brasil e de Cabo Verde à resolução do problema de Timor e ao fim das guerras civis em Moçambique e em Angola, de um sistema de segurança e defesa baseado na bipolaridade às intervenções humanitárias na Bósnia e no Kosovo, que marcaram o regresso de tropas portuguesas ao palco europeu, o que já não acontecia desde a Primeira Guerra Mundial, é um quarto de século pleno de transformações.

A personalidade: Gorbatchev

Considerando o universo dos nossos entrevistados, é óbvio que a esmagadora maioria das respostas alude a personalidades políticas relevantes dos últimos 25 anos. O destaque especial vai para Mikhail Gorbatchev, o responsável, afinal, pela maior das transformações que ocorreram na cena mundial no último quarto de século – o fim da Guerra Fria e da bipolaridade que a caracterizou. Na mesma linha vão as referências a Ronald Reagan e ao Papa João Paulo II, personalidades cuja acção política foi determinante.

Igualmente destacado é Deng Xiaoping, o primeiro responsável pela abertura da China ao mundo, um processo que marca os últimos 25 anos, mas cujo futuro é ainda uma incógnita.

Outro nome marcante é o de Nelson Mandela, o rosto da conciliação entre a luta pela liberdade e a tolerância, cuja acção marca profundamente todo o processo de fim do apartheid na África do Sul.

O processo de construção da Europa, e todos os desenvolvimentos que ocorreram na década de 90, nomeadamente a integração da Alemanha unificada justificam a inclusão dos grandes obreiros da Europa como hoje a conhecemos, começando por Jacques Delors e passando por Helmut Kohl e François Mitterrand.

Duas outras personagens que se destacam são o ayatollah Khomeini e Osama bin Laden, duas faces radicais do islamismo, embora bem diferentes, mas que lhe deram um protagonismo inegável a nível internacional.

Finalmente, duas referências fora do mundo da política: Jacques Derrida, o filósofo da hospitalidade e Bill Gates, o grande impulsionador da «revolução informática».

Os acontecimentos: a queda do Muro e o 11 de Setembro

Dois acontecimentos, de matriz radicalmente oposta, marcam de forma decisiva os últimos 25 anos: a queda do Muro de Berlim e os atentados de 11 de Setembro. Berlim foi o símbolo máximo da divisão da Europa, com o seu muro, cicatriz de cimento no coração de uma das cidades europeias mais emblemáticas. O fim do sistema bipolar alterou os equilíbrios globais e toda a dinâmica da vida internacional, gerando, directa ou indirectamente, uma série de outros acontecimentos que se destacam no último quarto de século: a vaga democrática, da Europa Central e de Leste à América Latina, a África e à Ásia, e a globalização, um processo que começou por ser económico – e que seria impossível num contexto de bipolaridade – mas que rapidamente se alargou a outras esferas, onde se destaca a generalização do uso da Internet e a formação, se bem que ainda embrionária, de uma opinião pública mundial, processo onde se destaca o cada vez maior papel das ONG.

O 11 de Setembro e os acontecimentos que se lhe sucederam, nomeadamente a guerra global contra o terrorismo e a guerra no Iraque, acabaram com as esperanças geradas pelo fim da Guerra Fria. Em vez de um novo multilateralismo, o que vinga é a unipolaridade na actuação da única superpotência restante, seja no lançamento de acções militares, seja na falta de apoio explícito, ou mesmo na recusa, das grandes iniciativas multilaterais que marcaram os anos 90, como a criação do Tribunal Penal Internacional e o Protocolo de Quioto.

Na Europa, os anos 90 ficaram indelévelmente marcados pela guerra na antiga Jugoslávia. Pela primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial, a violência extrema regressava a solo europeu, com a União Europeia a demonstrar a sua incapacidade de intervenção perante a limpeza étnica e as atrocidades que aí foram cometidas – a mesma incapacidade que toda a comunidade internacional demonstrou perante a tragédia ocorrida no Ruanda.

O futuro: a sociedade do conhecimento e a China

Procurando prever o futuro do ponto de vista internacional, as respostas foram no sentido de procurar colocar em prospectiva a emergência de novas grandes potências como factor de um mundo multipolar – tendo sido salientado que o futuro será marcado em larga medida pelo peso internacional, nomeadamente do ponto de vista económico, da China e da Índia. O lugar que a União terá no sistema internacional foi também referido como decisivo para o futuro do mundo, embora o optimismo não fosse a nota fundamental neste domínio.

O mundo continuará, na opinião da maioria, a ser afectado pela crise do Médio Oriente e a credibilidade da comunidade internacional a depender da sua capacidade para a resolver. As organizações internacionais também têm que ser capazes, com os Estados e a sociedade civil, de enfrentar a crise climática que se irá agravar nos próximos anos. Por determinar continuará, em grande medida, o futuro de África e aqui são mais as incógnitas do que as certezas: será o continente capaz de dar os passos necessários ao seu desenvolvimento e á sua integração plena na cena internacional?

Finalmente, procuramos prever o que será mais decisivo para o futuro internacional de Portugal. A maioria, de uma forma clara, privilegiou a modernização económica, tecnológica e particularmente educativa de Portugal, ou seja, a sua capacidade para existir na sociedade do conhecimento, para tirar partido de um mundo globalizado.